



JOGOS OLÍMPICOS DE INVERNO: PROPOSTA DE PERIODIZAÇÃO, TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS E (DES)IGUALDADES COMPETITIVAS

Resumo - O presente artigo analisa a evolução histórica e a distribuição de medalhas nos Jogos Olímpicos de Inverno, propondo uma periodização em quatro fases: Regionalização (1924–1960), Expansão (1964–1980), Abertura (1984–1992) e Globalização (1994–presente). O objetivo é compreender como transformações políticas, econômicas e institucionais influenciaram a configuração do evento e a concentração de resultados esportivos ao longo do tempo. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem quantitativa e qualitativa, baseada em análise documental e levantamento de dados oficiais sobre participação e desempenho dos países nas edições dos Jogos. Os dados foram organizados e analisados de forma comparativa entre os períodos definidos, buscando identificar padrões de hegemonia, diversificação e redistribuição de medalhas. Os resultados indicam que, na fase de Regionalização, houve forte concentração de medalhas em países europeus e da América do Norte, refletindo limitações geográficas e estruturais. Na fase de Expansão, observa-se aumento do número de países participantes, embora ainda com manutenção da hegemonia tradicional. A fase de Abertura é marcada pela reconfiguração geopolítica decorrente do fim da Guerra Fria, com maior inserção de novos países, ainda que sem alteração substancial na distribuição de medalhas. Por fim, a fase de Globalização evidencia ampliação da visibilidade midiática e do alcance global dos Jogos, acompanhada de relativa diversificação competitiva, embora persistam desigualdades estruturais. Conclui-se que os Jogos Olímpicos de Inverno passaram por um processo de ampliação e complexificação, mas mantêm padrões de concentração que refletem assimetrias históricas no desenvolvimento esportivo global.

Palavras-chave Jogos Olímpicos de Inverno; periodização; distribuição de medalhas; globalização; esporte.

WINTER OLYMPIC GAMES: A PROPOSAL FOR PERIODIZATION, HISTORICAL TRANSFORMATIONS, AND COMPETITIVE (IN)EQUALITIES

Abstract - This article analyzes the historical evolution and medal distribution of the Winter Olympic Games, proposing a four-phase periodization: Regionalization (1924–1960), Expansion (1964–1980), Opening (1984–1992), and Globalization (1994–present). The objective is to understand how political, economic, and institutional transformations have shaped the event and influenced the concentration of sporting results over time. Methodologically, this study adopts a qualitative and quantitative approach, based on documentary analysis and the collection of official data regarding participation and performance of countries across different editions of the Games. The data were organized and comparatively analyzed across the defined periods in order to identify patterns of hegemony, diversification, and redistribution of medals. The results show that during the Regionalization phase, medal distribution was highly concentrated among European and North American countries, reflecting geographical and structural constraints. In the Expansion phase, there was an increase in the number of participating countries, although traditional dominance remained largely unchanged. The Opening phase is characterized by geopolitical reconfiguration following the end of the Cold War, leading to broader participation without significant changes in medal distribution. Finally, the Globalization phase demonstrates increased media visibility and global reach, accompanied by some degree of competitive diversification, despite persistent structural inequalities. It is concluded that the Winter Olympic Games have undergone processes of expansion and increasing complexity, while still reflecting enduring global disparities in sports development.

Keywords: Winter Olympic Games; periodization; medal distribution; globalization; sport.

JUEGOS OLÍMPICOS DE INVIERNO: PROPUESTA DE PERIODIZACIÓN, TRANSFORMACIONES HISTÓRICAS Y (DES)IGUALDADES COMPETITIVAS

Resumen - El presente artículo analiza la evolución histórica y la distribución de medallas en los Juegos Olímpicos de Invierno, proponiendo una periodización en cuatro fases: Regionalización (1924–1960), Expansión (1964–1980), Apertura (1984–1992) y Globalización (1994–presente). El objetivo es comprender cómo las transformaciones políticas, económicas e institucionales han influido en la configuración del evento y en la concentración de los resultados deportivos a lo largo del tiempo. Metodológicamente, se trata de una investigación con enfoque cuantitativo y cualitativo, basada en el análisis documental y en la recopilación de datos oficiales sobre la participación y el desempeño de los países en las diferentes ediciones de los Juegos. Los datos fueron organizados y analizados de forma comparativa entre los períodos definidos, con el fin de identificar patrones de hegemonía, diversificación y redistribución de medallas. Los resultados indican que, en la fase de Regionalización, hubo una fuerte concentración de medallas en países europeos y de América del Norte, reflejando limitaciones geográficas y estructurales. En la fase de Expansión, se observa un aumento en el número de países participantes, aunque se mantiene la hegemonía tradicional. La fase de Apertura se caracteriza por la reconfiguración geopolítica tras el fin de la Guerra Fria, con mayor inserción de nuevos países, sin cambios sustanciales en la distribución de medallas. Finalmente, la fase de Globalización evidencia una mayor visibilidad mediática y alcance global, acompañados de cierta diversificación competitiva, aunque persisten desigualdades estructurales. Se concluye que los Juegos Olímpicos de Invierno han experimentado un proceso de expansión y complejización, manteniendo patrones de concentración asociados a desigualdades históricas en el desarrollo deportivo global.

Palabras-clave: Juegos Olímpicos de Invierno; periodización; distribución de medallas; globalización; deporte.

*Raoni Perrucci Toledo
Machado*

raoni@ufla.br

*Universidade Federal de
Lavras, Brasil*

*Bianca Cristina do
Prado Silva*

*Universidade de São
Paulo, Brasil*

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v10.id231](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v10.id231)*

Recebido: 20 mar 2026

Aceito: 14 jul 2026

Publicado: 14 jul 2026



Introdução

A consolidação do movimento olímpico moderno no final do século XIX esteve associada ao projeto internacionalista de organização das práticas atléticas e esportivas defendida pelo Barão Pierre de Coubertin¹⁻³. A realização dos primeiros Jogos Olímpicos de Verão de 1896 marcou o início de um processo de institucionalização do esporte em escala internacional, orientado pela ideia de que a competição atlética poderia servir como espaço de aproximação entre diferentes nações².

Ainda nos primeiros anos do olimpismo moderno, surgiram discussões acerca da incorporação de modalidades esportivas praticadas em ambientes de gelo e neve. Ao comentar sobre as modalidades previstas para os Jogos de Paris de 1900, Coubertin chegou a sugerir que “a Suécia, algum dia, organize Jogos Olímpicos de inverno no gelo e na neve (p. 381)”⁴, indicando que a ideia de uma edição específica para modalidades esportivas de inverno já circulava entre os dirigentes do movimento olímpico desde o início do século XX. A afirmação evidencia que, mesmo antes da criação oficial dos Jogos Olímpicos de Inverno em 1924, já se reconhecia a relevância das tradições esportivas desenvolvidas nos países do norte da Europa para a expansão do ideal olímpico. Nesse sentido, o desenvolvimento dessas práticas esportivas ao ar livre e em ambientes naturais também dialoga com processos mais amplos de transformação das práticas corporais modernas, nas quais atividades realizadas em contato com a natureza passaram gradualmente a ocupar novos espaços no campo esportivo e cultural⁵.

A institucionalização dessa proposta, contudo, encontrou obstáculos importantes. Antes da criação de um evento olímpico específico para o esporte de inverno, já existiam competições internacionais voltadas a essas modalidades, especialmente no norte da Europa^{1,6}. Entre elas destacavam-se os chamados Jogos Nórdicos, realizados pela primeira vez em 1901 na Suécia e repetidos em diversas edições ao longo das primeiras décadas do século XX⁷. Esses jogos reuniam atletas predominantemente de países escandinavos e incluíam provas de esqui, patinação, hóquei e outras práticas esportivas realizadas em ambientes de inverno, sendo frequentemente considerados um importante antecedente histórico dos próprios Jogos Olímpicos de Inverno. A existência dessa competição contribuiu para a resistência inicial de alguns países nórdicos à criação de um evento olímpico específico, uma vez que temiam que a nova competição reduzisse o protagonismo dos Jogos Nórdicos no cenário esportivo internacional⁸.

Mesmo diante dessas resistências institucionais, algumas modalidades associadas ao inverno começaram a ser gradualmente incorporadas ao programa olímpico. A patinação artística, por exemplo, foi incluída nos Jogos Olímpicos de Verão de 1908, constituindo a primeira presença de uma modalidade de gelo no contexto olímpico moderno. Posteriormente, o hóquei no gelo passou a integrar o programa dos Jogos Olímpicos de Verão de 1920, ampliando a participação de provas tipicamente invernais no interior dos Jogos de Verão^{1,7}. Esses episódios evidenciam que, antes mesmo da criação de um evento específico, já existia uma tentativa de incorporar essas modalidades ao universo olímpico, ainda que de maneira limitada e pontual.

A proposta de organizar uma competição dedicada exclusivamente para as modalidades esportivas de inverno começou a ganhar maior consistência institucional ao longo da década de 1910. Em 1911, chegou a ser sugerida a realização de competições de inverno vinculadas aos Jogos Olímpicos de Verão de 1912, ou mesmo a criação de uma edição olímpica separada para essas modalidades^{6,8}. A ideia, entretanto, não avançou naquele momento, em parte, conforme dissemos anteriormente, devido à oposição de países escandinavos interessados em preservar a relevância dos Jogos Nórdicos. Posteriormente, houve ainda planos de incluir competições de provas com características de inverno nos Jogos Olímpicos de Verão de 1916, mas o início da Primeira Guerra Mundial levou ao cancelamento de toda a edição olímpica prevista para aquele ano, interrompendo temporariamente as discussões sobre a criação de um evento olímpico específico para essas modalidades.

A efetiva institucionalização dos Jogos Olímpicos de Inverno ocorreu apenas alguns anos depois. Em 1924, a cidade de Chamonix sediou a chamada “Semana Internacional de Esportes de Inverno”, evento organizado sob a supervisão do Comitê Olímpico Internacional (COI) como parte das celebrações olímpicas daquele período^{7,8}. A competição reuniu atletas de 16 países e incluiu diversas modalidades de gelo e neve, como patinação, esqui e hóquei no gelo. O sucesso do evento levou o COI, no ano seguinte, a reconhecer retroativamente essa competição como a primeira edição oficial dos Jogos Olímpicos de Inverno. A partir desse momento, o evento passou a integrar de forma permanente o calendário olímpico internacional, sendo realizado inicialmente no mesmo ano dos Jogos Olímpicos de Verão e consolidando a presença institucional das modalidades de inverno no sistema esportivo olímpico¹.

Ao longo das décadas seguintes, os Jogos Olímpicos de Inverno experimentaram um crescimento gradual tanto no número de países participantes quanto na quantidade de provas disputadas⁹. Esse processo refletiu transformações mais amplas no sistema esportivo internacional, incluindo a expansão do movimento olímpico e a crescente institucionalização das federações esportivas internacionais^{2,3}. Apesar dessa expansão institucional, entretanto, os Jogos Olímpicos de Inverno mantiveram características específicas que os diferenciam significativamente dos Jogos Olímpicos de Verão¹. Entre essas particularidades destacam-se as exigências climáticas para a realização das competições, a necessidade de infraestrutura altamente especializada e os elevados custos associados ao desenvolvimento de atletas nessas modalidades^{7,9}.

Esses fatores contribuem para que as modalidades esportivas de inverno permaneçam fortemente associados a determinadas regiões do mundo, especialmente países localizados no hemisfério norte.

Objetivo

Nesse contexto, torna-se relevante questionar em que medida a expansão institucional dos Jogos Olímpicos de Inverno foi acompanhada por uma ampliação equivalente da diversidade competitiva entre os países participantes. Embora o número de delegações e de provas tenha aumentado significativamente ao longo da história do evento, permanece em aberto a questão de saber se essa expansão também resultou em uma distribuição mais ampla das medalhas entre diferentes nações. A análise dessa relação constitui um elemento central para compreender as dinâmicas de inclusão e concentração que caracterizam a estrutura competitiva dos Jogos Olímpicos de Inverno.

Essa aparente contradição entre crescimento institucional e concentração competitiva coloca em perspectiva os próprios ideais de universalização frequentemente associados ao movimento olímpico, que historicamente se apresenta como um espaço de encontro entre nações e de ampliação da participação esportiva em escala global.

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo analisar a evolução histórica da participação e da distribuição de medalhas nos Jogos Olímpicos de Inverno desde sua primeira edição, realizada em 1924, buscando compreender em que medida o crescimento do evento foi acompanhado por uma ampliação efetiva da diversidade competitiva entre os países medalhistas. Para isso, foram sistematizados dados referentes

ao número de países participantes, à quantidade de provas disputadas e ao total de nações medalhistas em cada edição dos Jogos. A partir dessa base empírica, propõe-se uma periodização histórica da evolução dos Jogos Olímpicos de Inverno, construída a partir das tendências observadas nesses indicadores ao longo das diferentes edições. Essa periodização permite identificar momentos distintos de expansão institucional, transformação do programa esportivo e variação na distribuição das medalhas, contribuindo para discutir até que ponto os Jogos Olímpicos de Inverno se aproximam — ou se distanciam — dos ideais de democratização frequentemente associados ao projeto olímpico moderno.

Metodologia

O presente estudo adota uma abordagem de natureza quantitativa e descritiva, baseada na sistematização histórica de dados referentes às diferentes edições dos Jogos Olímpicos de Inverno. O objetivo da análise consiste em examinar a evolução da participação internacional e da distribuição de medalhas ao longo da história do evento, buscando identificar tendências relacionadas à expansão institucional dos Jogos e à possível ampliação da diversidade competitiva entre os países participantes. Estudos dessa natureza buscam identificar padrões e tendências a partir da análise de indicadores ao longo do tempo, permitindo compreender transformações estruturais em fenômenos sociais e esportivos^{10,11}.

Para a construção da base de dados utilizada neste estudo, foram levantadas informações referentes a todas as edições dos Jogos Olímpicos de Inverno realizadas desde a primeira edição oficial, ocorrida em 1924 na cidade de Chamonix, até as edições mais recentes. Para cada edição foram registrados três conjuntos principais de indicadores: (a) o número de países participantes, (b) o número total de provas disputadas com o total de medalhas disponíveis e (c) o número de países que conquistaram ao menos uma medalha. Além desses indicadores, também foram identificados, em cada edição, o número de países que obtiveram ao menos uma medalha de ouro, assim como o número de medalhas adquiridas pelo primeiro país no quadro de medalhas, e a soma dos dois primeiros, considerando apenas o total de medalhas, e não a classificação por ouro, prata e bronze, permitindo observar possíveis padrões de concentração competitiva ao longo do tempo. A utilização de indicadores quantitativos para a análise de fenômenos

esportivos permite observar tendências estruturais que muitas vezes não são perceptíveis em análises estritamente descritivas ou narrativas¹².

Os dados foram sistematizados em uma planilha de análise construída especificamente para este estudo, a partir de informações disponíveis em bases oficiais do movimento olímpico, especialmente aquelas disponibilizadas pelo Comitê Olímpico Internacional em sua página da internet*, e em registros históricos das edições dos Jogos. A organização dessas informações permitiu observar a evolução temporal de cada um dos indicadores considerados, possibilitando comparações entre diferentes momentos da história dos Jogos Olímpicos de Inverno.

A análise foi conduzida a partir de uma perspectiva longitudinal, considerando a sucessão das edições dos Jogos como uma série histórica. Esse tipo de abordagem permite examinar mudanças e permanências em fenômenos sociais ao longo do tempo, sendo amplamente utilizado em pesquisas históricas e sociológicas do esporte^{10,13}. A partir da observação das tendências identificadas nos indicadores analisados — especialmente no que se refere à relação entre número de países participantes, número de provas disputadas e quantidade de nações medalhistas, bem como indicadores de concentração das medalhas entre as delegações mais bem posicionadas, — foi possível propor uma periodização da evolução histórica dos Jogos Olímpicos de Inverno. Essa periodização não foi definida a priori, mas construída a partir das próprias inflexões observadas na base empírica, permitindo identificar momentos distintos de estabilidade, expansão e transformação na estrutura competitiva do evento¹⁴.

Com base nesses critérios, foram identificados quatro períodos analíticos principais na evolução dos Jogos Olímpicos de Inverno: um primeiro momento de consolidação inicial do evento, marcado por relativa estabilidade no número de modalidades e na distribuição de medalhas; um segundo período caracterizado pela ampliação do programa esportivo e por mudanças moderadas na distribuição competitiva; um terceiro momento de transição, associado ao aumento mais expressivo do número de países participantes; e, por fim, um período mais recente marcado pela continuidade da expansão institucional dos Jogos, mas também pela persistência de padrões de concentração de medalhas entre determinadas potências esportivas. A análise desses

* <https://www.olympics.com>

períodos permite discutir de maneira mais detalhada as relações entre expansão institucional e diversidade competitiva no interior dos Jogos Olímpicos de Inverno.

Apresentação e organização dos resultados

Com base nos procedimentos metodológicos descritos anteriormente, foi construída uma base de dados reunindo informações referentes a todas as edições dos Jogos Olímpicos de Inverno realizadas entre 1924 e 2026. A planilha sistematiza, para cada edição do evento, o número de países participantes, a quantidade de provas disputadas, o número de países que conquistaram medalhas e a identificação das delegações com maior volume de medalhas em cada edição.

O objetivo dessa sistematização é permitir uma leitura longitudinal da evolução institucional e competitiva dos Jogos Olímpicos de Inverno ao longo de quase um século de existência. A Tabela 1 apresenta a síntese dessas informações para todas as edições dos Jogos Olímpicos de Inverno realizadas até o momento.

Tabela 1 – Apresentação da sistematização dos resultados

Ano	Part.	Mod.	provas	nº de medalhas	% países		nº	% ouro	1	1%	1+2	%1+2
					Países medalhas	com medalhas						
1924	16	9	16	49	10	62,5	8	50,0	17	34,6	28	57,1
1928	25	8	14	41	12	48,0	6	24,0	15	36,5	21	51,2
1932	17	7	14	42	10	58,8	7	41,1	12	28,5	22	52,3
1936	28	8	17	51	11	39,2	8	28,5	15	29,4	22	43,1
1948	28	9	22	68	13	46,4	10	35,7	10	14,7	20	29,4
1952	30	6	22	67	13	43,3	8	26,6	16	23,8	27	40,3
1956	32	8	24	72	13	40,6	9	28,1	16	22,2	27	37,5
1960	30	8	27	81	14	46,6	10	33,3	21	25,9	31	38,2
1964	36	10	34	104	14	38,8	11	30,5	25	24,0	40	38,4
1968	37	10	35	106	15	40,5	13	35,1	14	13,2	27	25,4
1972	35	10	35	105	17	48,5	14	40,0	16	15,2	30	28,5
1976	37	10	37	111	16	43,2	12	32,4	27	24,3	46	41,4
1980	37	10	38	115	19	51,3	11	29,7	23	20,0	45	39,1
1984	49	10	39	117	17	34,6	11	22,4	25	21,3	49	41,8
1988	57	10	46	138	17	29,8	11	19,3	29	21,0	54	39,1
1992	64	12	57	171	20	31,2	14	21,8	26	15,2	49	28,6
1994	67	12	61	183	22	32,8	14	20,9	26	14,2	50	27,3
1998	72	14	68	205	24	33,3	15	20,8	29	14,1	54	26,3
2002	77	15	78	234	24	31,1	18	23,3	36	15,3	70	29,9

2006	80	15	84	252	26	32,5	18	22,5	29	11,5	54	21,4
2010	82	15	86	258	26	31,7	19	23,1	37	14,3	67	25,9
2014	88	15	98	295	26	29,5	22	25,0	29	9,8	57	19,3
2018	92	15	102	307	30	32,6	22	23,9	39	12,0	70	22,8
2022	91	15	109	328	29	31,8	23	25,2	37	11,2	64	19,5
2026	92	16	116	349	29	31,5	20	21,7	41	11,7	74	21,2

Fonte: o autor

As colunas demonstram em ordem, o número de países participantes (Part.), o número de modalidades esportivas presentes no programa (Mod.), o número de provas e o total de medalhas disponíveis (nº de med.), o número absoluto de países medalhistas, seguido da porcentagem em relação ao total de participantes, e por fim, o número de países que obtiveram ao menos uma medalha de ouro (nº ouro), seguido da porcentagem, e o total de medalhas adquiridas pelo primeiro país do quadro de medalhas, assim como a soma do primeiro e do segundo país, considerando apenas o total de medalhas conquistadas, assim como a porcentagem que esse número representa perante o total.

A observação do conjunto de dados apresentado na Tabela 1, permite identificar tendências relativamente consistentes na evolução histórica dos Jogos Olímpicos de Inverno. Embora o evento apresente crescimento contínuo no número de países participantes e na quantidade de provas disputadas ao longo do tempo, esse processo não ocorre de maneira homogênea. Em diferentes momentos históricos, é possível perceber mudanças no ritmo de expansão do evento, bem como transformações na relação entre participação internacional e distribuição das medalhas entre as delegações.

Diante dessas variações, optou-se por organizar a análise dos resultados a partir de uma proposta de periodização histórica dos Jogos Olímpicos de Inverno. A utilização de periodizações constitui um recurso recorrente na análise histórica, permitindo identificar momentos de relativa continuidade e ruptura em processos sociais de longa duração^{15, 16}. No caso específico deste estudo, a periodização não se baseia em eventos políticos ou institucionais isolados, mas na própria dinâmica observada nos dados referentes à participação internacional, ao crescimento do programa esportivo e à distribuição das medalhas entre os países envolvidos nos jogos.

A partir dessa leitura longitudinal, foi possível identificar quatro momentos relativamente distintos na trajetória dos Jogos Olímpicos de Inverno. O primeiro período, compreendido entre 1924 e 1960, caracteriza-se pela **regionalização** do evento, marcada

pela participação concentrada em países europeus e norte-americanos e por um programa esportivo relativamente limitado. O segundo período, entre 1964 e 1980, corresponde a uma fase de **expansão**, na qual se observa o aumento gradual do número de modalidades esportivas e delegações participantes, ainda que com manutenção de padrões relativamente estáveis de concentração competitiva.

O breve terceiro período, situado entre 1984 e 1992, pode ser compreendido como uma fase de **abertura** do sistema olímpico de inverno, caracterizada por um crescimento mais acelerado do número de países participantes e pela ampliação da presença internacional no evento. Por fim, o período que se estende de 1994 até o presente pode ser interpretado como uma fase de **globalização**, marcada pela consolidação do crescimento institucional dos Jogos Olímpicos de Inverno, com ampliação contínua do número de países participantes e de provas disputadas, embora acompanhada pela persistência de níveis elevados de concentração na distribuição das medalhas.

A partir dessa proposta de periodização — regionalização, expansão, abertura e globalização — as seções seguintes analisam de forma mais detalhada as características de cada um desses momentos históricos, buscando compreender em que medida o crescimento institucional dos Jogos Olímpicos de Inverno foi acompanhada, ou não, por uma ampliação efetiva da diversidade competitiva entre os países participantes.

Regionalização (1924–1960)

O período compreendido entre 1924 e 1960 pode ser caracterizado como a fase de regionalização dos Jogos Olímpicos de Inverno. Nesse momento inicial do evento, a participação internacional permanecia relativamente restrita, concentrando-se principalmente em países europeus e da América do Norte, regiões nas quais as modalidades esportivas de inverno já possuíam tradição institucional e condições climáticas favoráveis para sua prática.

Os dados apresentados na Tabela 1 indicam que, nas primeiras décadas de realização do evento, o número de países participantes manteve-se relativamente limitado. Em 1924, na edição inaugural realizada em Chamonix, participaram apenas 16 delegações nacionais. Mesmo ao final desse período, em 1960, o número de países participantes havia alcançado apenas 30 delegações, revelando um crescimento relativamente moderado ao longo de mais de três décadas de realização dos Jogos.

Considerando todas as edições realizadas entre 1924 e 1960, o conjunto total de países que participou ao menos uma vez do evento permaneceu relativamente reduzido. Ao longo desse intervalo, 41 nações diferentes estiveram presentes nos Jogos Olímpicos de Inverno. Esse dado reforça a ideia de que, apesar do crescimento gradual observado ao longo das décadas, o evento ainda estava estruturado a partir de um universo relativamente restrito de países.

Outro elemento que evidencia essa característica é a existência de um núcleo relativamente estável de participantes. Doze países estiveram presentes em todas as edições realizadas entre 1924 e 1960: Áustria, Canadá, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Hungria, Itália, Noruega, Polônia, Suécia, Suíça e Estados Unidos. A presença contínua dessas delegações revela a centralidade dessas nações na consolidação inicial do evento, refletindo tanto a tradição esportiva nessas modalidades quanto as condições climáticas e estruturais necessárias para sua prática.

Além da limitação geográfica da participação internacional, esse período também se caracteriza por relativa estabilidade no programa esportivo do evento. Ao longo das edições realizadas entre 1924 e 1960, o número de modalidades esportivas presentes no programa olímpico manteve-se próximo de oito, com pequenas variações decorrentes da inclusão ou reorganização de determinadas provas. Esse cenário contribuiu para que o número total de medalhas disponíveis também apresentasse crescimento moderado, passando de 49 medalhas distribuídas em 1924 para 81 em 1960.

Um aspecto particularmente interessante desse período diz respeito à relação entre o número de países participantes e o número de países que conquistaram medalhas. Nas primeiras edições, a proporção de delegações que alcançavam o pódio era relativamente elevada. Em 1924, por exemplo, dez dos dezesseis países participantes conquistaram ao menos uma medalha, correspondendo a 62,5% das delegações presentes. Em outras edições do período, como 1932 e 1960, essa proporção também permaneceu relativamente elevada, aproximando-se ou superando a marca de 50% dos países participantes.

Esse dado sugere que, nas primeiras décadas de realização do evento, a estrutura competitiva dos Jogos Olímpicos de Inverno apresentava menor grau de concentração do que aquele observado nas décadas posteriores. Em parte, esse fenômeno pode ser explicado pelo próprio tamanho reduzido do evento e pelo número ainda limitado de

países participantes. Com menos delegações competindo e um programa esportivo relativamente restrito, as oportunidades de conquista de medalhas tendiam a ser distribuídas entre um conjunto relativamente amplo de países.

Ainda assim, mesmo nesse contexto inicial, já é possível observar a presença recorrente de algumas delegações que desempenharam papel central na estrutura competitiva do evento. Países como Noruega, Suécia, Finlândia, Estados Unidos e Canadá aparecem com frequência entre os principais vencedores das primeiras edições dos Jogos, indicando a formação precoce de um núcleo de potências esportivas nessas modalidades.

A análise da origem geográfica das delegações também permite observar a lenta incorporação de países de outras regiões do mundo ao evento. Ainda que Estados Unidos e Canadá participassem desde a primeira edição, a presença de países de fora do eixo europeu-norte-americano ocorreu de forma gradual. A Argentina e o Japão estrearam em 1928, marcando as primeiras participações sul-americana e asiática, respectivamente. Nas décadas seguintes, novos países ingressaram no evento, como Austrália (1936), Chile e Coreia do Sul (1948), Nova Zelândia (1952) e Irã e Bolívia (1956).

Mesmo com essas incorporações progressivas, a composição geral das delegações permaneceu fortemente concentrada no continente europeu. A maior parte dos países participantes ao longo desse período era composta por nações europeias, o que reforça a caracterização desse momento histórico como uma fase de regionalização dos Jogos Olímpicos de Inverno. Somente nas décadas posteriores o evento passaria por um processo mais intenso de ampliação geográfica da participação internacional.

Apesar da ampliação gradual do número de países participantes ao longo das primeiras décadas, os dados analisados indicam que, até 1960, os Jogos Olímpicos de Inverno ainda permaneciam estruturados em torno de um espaço geográfico relativamente limitado e de um conjunto restrito de países com tradição nas modalidades esportivas de inverno. A estabilidade do programa olímpico, o crescimento moderado do número de delegações e a forte concentração regional da participação internacional reforçam a caracterização desse momento como uma “fase de regionalização” do evento. A partir da década de 1960, contudo, transformações importantes começam a alterar essa configuração. A ampliação do programa esportivo, o crescimento gradual do número de países participantes e a incorporação de novas delegações ao universo competitivo dos

Jogos inauguram um novo momento de desenvolvimento do evento, caracterizado neste estudo como a fase de expansão.

Expansão (1964–1980)

O período compreendido entre 1964 e 1980 pode ser caracterizado como a fase de expansão dos Jogos Olímpicos de Inverno. Diferentemente da etapa anterior, marcada por relativa estabilidade estrutural e forte concentração geográfica da participação internacional, esse momento apresenta transformações progressivas tanto no programa esportivo quanto na composição das delegações participantes. Essas mudanças refletem, em parte, o próprio crescimento institucional do movimento olímpico ao longo da segunda metade do século XX, período no qual o esporte internacional passou por um processo de ampliação organizacional e de fortalecimento das federações esportivas internacionais^{1,17}.

Uma das transformações mais visíveis desse período diz respeito à ampliação do programa dos Jogos Olímpicos de Inverno. Enquanto nas edições realizadas entre 1924 e 1960 o número de modalidades esportivas manteve-se relativamente estável em torno de oito, a edição de 1964, realizada em Innsbruck, marcou a expansão do programa para dez modalidades. Esse aumento esteve associado à consolidação de novas disciplinas dentro das federações esportivas internacionais e ao crescimento da diversidade de provas disputadas nas competições de inverno. Como resultado direto dessa ampliação, o número total de provas e medalhas disponíveis também aumentou de maneira significativa ao longo do período.

Os dados apresentados na Tabela 1 indicam que o número de provas passou de 27 em 1960 para 38 em 1980, enquanto o total de medalhas distribuídas cresceu de 81 para 115 no mesmo intervalo. Esse aumento representa uma ampliação considerável das oportunidades competitivas dentro do evento, contribuindo para modificar gradualmente a estrutura esportiva dos Jogos Olímpicos de Inverno. A expansão do programa esportivo, portanto, constitui um dos elementos centrais para compreender a dinâmica dessa fase de desenvolvimento do evento.

Em contraste com a ampliação do programa esportivo, o crescimento do número de países participantes ocorreu de forma mais moderada. Entre 1964 e 1980, o total de delegações presentes nos Jogos variou entre 35 e 37 países, mantendo-se relativamente

estável ao longo das edições realizadas nesse intervalo. Esse dado sugere que, embora o evento estivesse se expandindo em termos de modalidades e provas, a base geográfica de participação internacional ainda permanecia relativamente restrita, especialmente quando comparada ao crescimento observado nos Jogos Olímpicos de Verão no mesmo período¹⁸.

Contudo, quando se observa o conjunto de delegações presentes ao longo de todas as edições do período, percebe-se que a base internacional do evento se tornou gradualmente mais ampla. Considerando as cinco edições realizadas entre 1964 e 1980, é possível identificar a participação de 43 países distintos, número levemente superior ao observado na fase anterior dos Jogos. Esse crescimento indica que, embora o número de participantes em cada edição não tenha aumentado significativamente, novos países passaram a integrar o evento ao longo do período, ampliando progressivamente sua diversidade geográfica.

Ao mesmo tempo, os dados revelam a presença de um núcleo relativamente estável de delegações, que participaram de todas as edições realizadas nesse intervalo. Países como Áustria, Canadá, Checoslováquia, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Hungria, Itália, Japão, Noruega, Polônia, Romênia, Suécia, Suíça, Estados Unidos e União Soviética aparecem de forma contínua nas listas de participantes, configurando um grupo de dezesseis países com presença permanente, reforçando a força da tradição histórica e da necessidade de infraestruturas esportivas adequadas para a prática dessas modalidades.

Paralelamente a essa estabilidade, observa-se a entrada gradual de novas delegações nacionais, ampliando a presença de regiões que até então apareciam de forma limitada nos Jogos Olímpicos de Inverno. Entre os países que passaram a integrar o evento nesse período destacam-se Mongólia, Coreia do Norte e República da China (Taiwan), além da participação mais frequente de países asiáticos como Irã e Coreia do Sul. Esses casos indicam um processo inicial de diversificação geográfica do evento, ainda que muitos desses países tenham participado de forma esporádica ou sem alcançar resultados expressivos nas competições.

Um marco particularmente relevante desse processo ocorreu com a participação do Marrocos em 1968, que representou a primeira presença africana nos Jogos Olímpicos de Inverno. Com a entrada do país africano no evento, todos os continentes passaram a estar representados na competição, configurando um momento simbólico importante na

trajetória de internacionalização dos Jogos. Ainda que a presença de países africanos e de outras regiões sem tradição nas modalidades esportivas de inverno permanecesse numericamente limitada, esse episódio sinaliza a ampliação do alcance global do evento e reforça o caráter expansivo desse período histórico¹⁹.

Mesmo com essa ampliação, entretanto, a composição geográfica do evento continuou fortemente concentrada no continente europeu. Dos 43 países distintos que participaram de ao menos uma edição entre 1964 e 1980, 27 deles eram países europeus, correspondendo a aproximadamente 63% do total. Em comparação com a fase anterior — caracterizada pela regionalização do evento e pela predominância quase absoluta de países europeus e norte-americanos — observa-se uma leve ampliação da presença de delegações oriundas de outros continentes, especialmente da Ásia e da Oceania. Ainda assim, a predominância europeia permaneceu como característica estrutural dos Jogos Olímpicos de Inverno nesse período.

Apesar dessa relativa estabilidade no número de participantes por edição, observa-se também um aumento gradual no número de países que conquistaram medalhas durante essa fase. Em 1964, quatorze delegações nacionais alcançaram ao menos uma medalha, enquanto em 1980 esse número chegou a dezenove países medalhistas. Esse crescimento indica que a ampliação do programa esportivo e do número de provas disputadas criou condições para uma distribuição ligeiramente mais ampla das medalhas entre as delegações participantes.

Entretanto, a análise dos indicadores de concentração das medalhas revela que essa ampliação não ocorreu de maneira linear. Em algumas edições do período, observa-se uma redução temporária na concentração das medalhas entre os países mais bem posicionados no quadro geral, enquanto em outras, essa concentração volta a aumentar. Esse comportamento irregular sugere que a fase de expansão foi também marcada por certa instabilidade na estrutura competitiva do evento, na medida em que novos países passaram a conquistar resultados expressivos ao mesmo tempo em que algumas potências tradicionais mantiveram posições de destaque.

Nesse contexto, consolidou-se também a presença de novas potências esportivas nas modalidades de inverno, particularmente associadas ao contexto geopolítico da Guerra Fria. Países como União Soviética, Alemanha Oriental e Alemanha Ocidental passaram a desempenhar papel cada vez mais relevante na disputa pelas primeiras

posições do quadro de medalhas, ampliando o grupo de nações capazes de competir em alto nível nessas modalidades. Esse processo contribuiu para tornar a estrutura competitiva dos Jogos Olímpicos de Inverno gradualmente mais complexa, ainda que sem alterar de forma substantiva a forte concentração regional da prática dessas provas.

Dessa forma, o período compreendido entre 1964 e 1980 pode ser interpretado como uma etapa intermediária no processo de desenvolvimento dos Jogos Olímpicos de Inverno. Ao mesmo tempo em que se observa a ampliação do programa esportivo, o aumento do número de provas e a entrada gradual de novos países — incluindo a incorporação simbólica de todos os continentes à competição —, a estrutura geral do evento ainda permanecia marcada por uma base geográfica relativamente concentrada e por um núcleo estável de países tradicionalmente associados às modalidades de inverno. Esse cenário indica que a internacionalização dos Jogos avançava de forma progressiva, mas ainda limitada. Nas décadas seguintes, entretanto, transformações políticas, econômicas e institucionais mais amplas passariam a alterar de maneira mais profunda a configuração do evento, inaugurando uma nova etapa em sua trajetória histórica, caracterizada por uma abertura mais significativa e pela ampliação de sua presença global.

Abertura (1984–1992)

O período compreendido entre 1984 e 1992 pode ser caracterizado como a fase de abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno. Ainda que se trate de um intervalo relativamente curto — composto por apenas três edições do evento —, esse momento apresenta transformações importantes na estrutura de participação internacional dos Jogos. Diferentemente da fase anterior, caracterizada principalmente pela expansão do programa esportivo e pela incorporação gradual de novos países, a etapa iniciada na década de 1980 revela um processo mais claro de diversificação geográfica das delegações participantes, com maior presença de países provenientes de regiões que historicamente tiveram participação limitada nas modalidades de inverno¹.

Em termos quantitativos, o número de países presentes em cada edição do período apresentou crescimento visível. Em 1984, nos Jogos realizados em Sarajevo, participaram 49 países, número que aumentou para 57 delegações em 1988, em Calgary, e alcançou 64 países em 1992, na edição de Albertville. Esse crescimento representa uma ampliação significativa quando comparado à fase anterior, na qual o número de participantes por

edição havia permanecido relativamente estável entre 35 e 37 países ao longo das décadas de 1960 e 1970.

Além desse aumento nas participações por edição, a análise do conjunto de delegações presentes ao longo de todo o período revela uma base internacional ainda mais ampla. Considerando as três edições realizadas entre 1984 e 1992, é possível identificar 73 países que participaram de pelo menos uma edição dos Jogos Olímpicos de Inverno nesse intervalo. Esse número representa um crescimento expressivo em relação à fase anterior, na qual haviam sido identificados 43 países ao longo das cinco edições realizadas entre 1964 e 1980.

Entretanto, apesar dessa ampliação significativa, observa-se também a permanência de um núcleo relativamente estável de delegações, composto principalmente por países europeus e norte-americanos com tradição consolidada em provas de inverno. Países como Áustria, Canadá, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Itália, Japão, Noruega, Suécia, Suíça e Estados Unidos, entre outros, mantiveram presença contínua ao longo das três edições do período.

Entre os países que passaram a integrar os Jogos Olímpicos de Inverno nesse período destacam-se representantes de regiões até então pouco presentes no evento, como Brasil, Guatemala, Honduras, Fiji, Jamaica e Bermudas, além de territórios caribenhos como Antilhas Holandesas e Ilhas Virgens. A presença desses países indica um processo gradual de abertura do evento para regiões que historicamente não possuíam tradição nas modalidades esportivas de inverno. Embora muitas dessas equipes tenham competido com delegações pequenas e sem resultados expressivos em termos de medalhas, sua presença representa um avanço importante na diversificação geográfica do evento. Inclusive, a participação da equipe jamaicana de *bobsled* em 1988 marcou, talvez, a história mais conhecida dos Jogos Olímpicos de Inverno. Embora a equipe não tenha alcançado resultados expressivos na competição, sua trajetória ganhou notoriedade internacional e posteriormente inspirou o filme ‘Jamaica Abaixo de Zero’ (*Cool Runnings*), lançado em 1993, contribuindo para popularizar os Jogos de Inverno em países sem tradição nas modalidades de neve e gelo.

Processo semelhante pode ser observado no caso da Ásia, cuja presença tornou-se progressivamente mais diversificada durante esse período. Além das delegações tradicionais da região, como Japão e Coreia do Sul, passaram a aparecer representantes

de outros países asiáticos, incluindo Filipinas, Índia, Irã, Líbano, ampliando a diversidade regional do continente dentro dos Jogos. Esse processo reforça a tendência de expansão do alcance geográfico do evento, ainda que a participação de muitos desses países permaneça limitada em termos de desempenho esportivo.

A África, cuja presença nos Jogos havia sido inaugurada na fase anterior com a participação do Marrocos, também ampliou ligeiramente sua representação nesse período. Países como Egito, Senegal e Suazilândia (atual Eswatini) passaram a figurar entre as delegações participantes, indicando que o evento começava a atrair interesse de regiões ainda mais distantes da tradição esportiva de inverno.

Essa ampliação da diversidade geográfica pode ser observada de maneira mais clara quando se analisa a distribuição regional das delegações presentes no período. Considerando o conjunto de países distintos que participaram de ao menos uma edição entre 1984 e 1992, observa-se na tabela 2 a seguinte distribuição aproximada.

Tabela 2 – Distribuição regional dos países participantes

Região	Número de países	Percentual aproximado
Europa	33	~45%
Ásia	16	~22%
América do Norte	11	~15%
América Central	3	~4%
Caribe	8	~10%
América do Sul	4	~5%
África	4	~5%
Oceania	2	~3%

Fonte: o autor

Quando agrupados em termos mais amplos (Tabela 3), os dados revelam um resultado particularmente significativo.

Tabela 3 – Divisão entre países europeus e não europeus

Grupo	Número de países	Percentual
Países europeus	33	~45%
Países não europeus	40	~55%

Fonte: o autor

Esse dado indica que, pela primeira vez na história dos Jogos Olímpicos de Inverno, os países não europeus passaram a representar a maioria do conjunto de delegações presentes ao longo de um período olímpico. Ainda que a participação efetiva por edição continuasse fortemente concentrada em países europeus e norte-americanos, a ampliação da base internacional do evento revela um processo importante de diversificação geográfica.

Mesmo com essa abertura, entretanto, a estrutura competitiva dos Jogos continuou fortemente marcada pela predominância das potências tradicionais do esporte de inverno. Países europeus e norte-americanos permaneceram como os principais vencedores das competições, mantendo elevada concentração de medalhas entre um grupo relativamente restrito de delegações. Assim, embora a fase de abertura represente um momento de ampliação significativa da participação internacional, ela não altera de forma imediata a hierarquia esportiva estabelecida nas décadas anteriores.

A análise dos dados apresentados na Tabela 1 permite observar de forma mais precisa a dinâmica da distribuição das medalhas nesse período. Entre 1984 e 1992, o número total de provas disputadas passou de 39 para 57, enquanto o total de medalhas distribuídas aumentou de 117 para 171. Esse crescimento representa uma ampliação significativa das oportunidades competitivas dentro do evento, acompanhando a tendência de expansão do programa esportivo observada desde a fase anterior.

Apesar dessa ampliação do número de provas e medalhas disponíveis, o crescimento do número de países medalhistas ocorreu de forma relativamente mais moderada. Em 1984, dezessete países conquistaram ao menos uma medalha nos Jogos de Sarajevo, número que se manteve praticamente estável em 1988, também com dezessete delegações medalhistas em Calgary. Apenas em 1992, nos Jogos de Albertville, observa-se um aumento mais expressivo, quando vinte países diferentes alcançaram o pódio.

Quando esses valores são analisados em relação ao número total de países participantes, observa-se uma redução gradual na proporção de delegações medalhistas ao longo do período. Em 1984, os dezessete países medalhistas representavam aproximadamente 34,6% das delegações presentes. Em 1988, essa proporção caiu para 29,8%, mantendo-se em patamar semelhante em 1992, quando os vinte países medalhistas corresponderam a 31,2% do total de participantes.

Esse comportamento indica que, embora o número absoluto de países medalhistas tenha aumentado ligeiramente, o crescimento mais acelerado do número de países participantes produziu uma diminuição relativa da proporção de delegações capazes de alcançar o pódio. Em outras palavras, a abertura geográfica do evento não foi acompanhada por uma ampliação proporcional na distribuição das medalhas entre os países participantes.

Os indicadores de concentração das medalhas reforçam essa interpretação. A análise da participação do país líder no quadro de medalhas mostra que, ao longo desse período, a delegação mais bem colocada concentrou uma parcela relevante das conquistas. Em 1984, por exemplo, o país líder conquistou 25 medalhas, correspondendo a aproximadamente 21,3% do total distribuído. Em 1988, essa concentração aumentou ligeiramente, com 29 medalhas, equivalentes a 21,0% do total. Já em 1992, embora o número absoluto de medalhas do país líder tenha se mantido elevado (26 medalhas), sua participação relativa caiu para 15,2%, em função do aumento significativo do número total de provas disputadas.

Quando se observa a concentração das medalhas entre os dois países mais bem posicionados no quadro geral, o padrão de concentração torna-se ainda mais evidente. Em 1984, as duas principais delegações reuniram 49 medalhas, correspondendo a cerca de 41,8% do total distribuído nos Jogos. Em 1988, esse número aumentou para 54 medalhas, mantendo praticamente o nível de concentração (39,1%). Já em 1992, as duas principais delegações conquistaram 49 medalhas, o que correspondeu a aproximadamente 28,6% do total.

Esses dados indicam que, embora a fase de abertura tenha sido marcada por uma ampliação expressiva do número de países participantes e por uma diversificação geográfica mais evidente, a estrutura competitiva dos Jogos Olímpicos de Inverno permaneceu relativamente concentrada entre um conjunto restrito de potências esportivas. Ainda que novos países tenham passado a integrar o evento, a disputa pelas primeiras posições do quadro de medalhas continuou dominada por delegações com tradição consolidada nas modalidades de inverno.

Dessa forma, a fase de abertura revela uma característica importante na evolução histórica dos Jogos Olímpicos de Inverno: enquanto a participação internacional se ampliava e se tornava mais diversa, a estrutura de distribuição das medalhas permanecia

relativamente concentrada, refletindo diferenças históricas de infraestrutura esportiva, tradição competitiva e acesso às condições necessárias para a prática dessas modalidades. Esse processo se intensificaria nas décadas seguintes, quando o evento passaria por uma nova fase de crescimento do número de participantes, de ampliação do programa esportivo e de maior visibilidade global.

É nesse contexto que se inicia a fase aqui denominada de globalização, marcada por uma expansão ainda mais significativa da presença internacional nos Jogos e por novas dinâmicas na distribuição das medalhas e na estrutura competitiva do evento.

Globalização (1994–presente)

O período iniciado em 1994 pode ser caracterizado como a fase de globalização dos Jogos Olímpicos de Inverno. Essa etapa é marcada por transformações institucionais importantes, entre as quais se destaca a decisão do COI de alterar o calendário olímpico, separando temporalmente os Jogos de Inverno e os Jogos de Verão. Até 1992, ambos eram realizados no mesmo ano; a partir de 1994, os Jogos de Inverno passaram a ocorrer em um ciclo alternado de dois anos em relação à edição de verão. Essa mudança institucional teve como objetivo ampliar a visibilidade do evento e fortalecer sua posição no sistema esportivo internacional, permitindo maior exposição midiática e maior autonomia organizacional^{17,18}.

Paralelamente a essa mudança estrutural, observa-se uma ampliação significativa da escala dos Jogos. Em 1994, na edição realizada em Lillehammer, participaram 67 países, número que cresce de maneira relativamente contínua ao longo das décadas seguintes, alcançando 92 delegações na edição de 2026, em Milão–Cortina. Esse crescimento representa a maior expansão da base de participantes em toda a história dos Jogos Olímpicos de Inverno, indicando o avanço do processo de internacionalização do evento.

O mesmo movimento pode ser observado na estrutura esportiva da competição. O número de modalidades passou de 12 em 1994 para 16 em 2026, enquanto o total de provas aumentou de 61 para 116. Como consequência direta, o número total de medalhas distribuídas praticamente dobrou no período, passando de 183 para 349. Essa ampliação do programa esportivo reflete tanto a consolidação de disciplinas já existentes quanto a introdução de novas provas e formatos competitivos, processo frequentemente associado

à estratégia do movimento olímpico de ampliar o alcance do evento e atrair novos públicos e países participantes^{1,20}.

Do ponto de vista da composição geográfica das delegações, esse período também evidencia a consolidação de uma presença mais ampla de países provenientes de regiões que historicamente possuíam pouca tradição nas provas de inverno. Delegações da América Latina, do Caribe, da África e do Sudeste Asiático tornam-se progressivamente mais frequentes nas listas de participantes. Países como Brasil, Jamaica, Costa Rica, México, Argentina e Chile passam a marcar presença regular nas edições do evento, enquanto outras nações de regiões tropicais ou subtropicais aparecem de forma intermitente, ampliando simbolicamente o alcance global da competição.

Apesar desse crescimento expressivo do número de participantes, a análise da distribuição das medalhas revela que a expansão do evento não foi acompanhada por um processo equivalente de democratização dos resultados esportivos. Em 1994, por exemplo, 22 dos 67 países participantes conquistaram ao menos uma medalha, correspondendo a aproximadamente 32,8% das delegações presentes. Nas edições posteriores, esse percentual manteve-se relativamente estável, oscilando em torno de 30%. Em 2014, apenas 26 dos 88 países participantes conquistaram medalhas (29,5%), enquanto em 2018 foram 30 países medalhistas entre 92 participantes (32,6%). Esses números indicam que, mesmo com o crescimento do número absoluto de países medalhistas, a proporção de delegações capazes de alcançar o pódio permanece relativamente constante ao longo do período.

Outro indicador importante para compreender essa dinâmica diz respeito à concentração das medalhas entre os países mais bem posicionados no quadro geral. Em 1994, o país líder conquistou 14 medalhas de ouro, correspondendo a cerca de 20,9% do total distribuído. Nas edições seguintes, essa proporção manteve-se relativamente elevada, alcançando valores próximos ou superiores a 25% em algumas edições, como ocorreu em 2014. Ao mesmo tempo, quando se observa o desempenho combinado dos dois países mais bem posicionados, percebe-se que eles concentraram frequentemente entre 20% e 30% das medalhas totais distribuídas em cada edição.

Esses dados sugerem que, embora o evento tenha se tornado significativamente maior e mais diverso em termos de participação internacional, a estrutura competitiva dos Jogos Olímpicos de Inverno continua fortemente concentrada em um grupo relativamente

restrito de países. Delegações tradicionalmente associadas às modalidades de inverno — como Noruega, Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Suécia e Suíça — permanecem ocupando posições centrais na disputa pelas primeiras colocações do quadro de medalhas. Assim, a fase de globalização caracteriza-se por um paradoxo estrutural: ao mesmo tempo em que o evento amplia sua base geográfica e institucional, a distribuição efetiva do sucesso esportivo continua concentrada em um conjunto relativamente limitado de nações.

Esse fenômeno torna-se particularmente relevante para compreender a dinâmica contemporânea dos Jogos Olímpicos de Inverno. A ampliação do número de participantes e de provas sugere um movimento institucional voltado à expansão e à internacionalização do evento. Entretanto, a persistência de padrões relativamente estáveis de concentração das medalhas indica que a democratização do acesso competitivo permanece limitada por fatores estruturais, como condições climáticas, infraestrutura esportiva especializada e investimentos de longo prazo no desenvolvimento de atletas nessas modalidades.

Esses elementos consolidam a fase iniciada em 1994 como um período de globalização institucional dos Jogos Olímpicos de Inverno, caracterizado pela ampliação da participação internacional e pelo crescimento do programa esportivo, mas também pela continuidade de padrões históricos de concentração do sucesso competitivo. Essa tensão entre expansão institucional e concentração dos resultados constitui um aspecto central para compreender a estrutura contemporânea do evento e serve como base para a análise comparativa entre as diferentes fases históricas propostas neste estudo.

Síntese e tendências gerais dos Jogos Olímpicos de Inverno

A análise longitudinal dos dados apresentados nas seções anteriores permite identificar tendências estruturais no desenvolvimento dos Jogos Olímpicos de Inverno ao longo de quase um século de realização. A periodização proposta — composta pelas fases de Regionalização (1924–1960), Expansão (1964–1980), Abertura (1984–1992) e Globalização (1994–presente) — evidencia que a transformação do evento ocorreu simultaneamente em três dimensões principais: ampliação do número de países participantes, diversificação geográfica das delegações e reconfiguração da distribuição das medalhas.

Do ponto de vista da participação internacional, observa-se um crescimento consistente do número de países ao longo do tempo. Enquanto na edição inaugural de 1924 participaram apenas 16 delegações nacionais, as edições mais recentes dos Jogos de Inverno passaram a reunir mais de 90 países. Esse crescimento não ocorreu de forma linear, mas seguiu etapas relativamente claras associadas às fases históricas identificadas neste estudo, tal como podemos ver na tabela 4.

Tabela 4 – Síntese da periodização histórica

Fase	Período	Países participantes (aprox.)	Característica principal
Regionalização	1924–1960	16 → 30	Forte concentração europeia
Expansão	1964–1980	~35 por edição	Representação de todos os continentes
Abertura	1984–1992	~50 – 65	Crescimento acelerado de novos países
Globalização	1994–presente	~70 – 90+	Participação mundial consolidada

Fonte: o autor

Na fase de regionalização, entre 1924 e 1960, a participação internacional manteve-se fortemente concentrada em países europeus e da América do Norte. Mesmo ao final desse período, o número total de países participantes não ultrapassava trinta delegações. A presença de países de outras regiões era pontual e esporádica, refletindo tanto as condições climáticas necessárias para a prática dessas modalidades quanto a infraestrutura esportiva necessária para sua organização.

A fase de expansão, entre 1964 e 1980, apresentou mudanças mais visíveis na estrutura do evento. Embora o número de países participantes em cada edição tenha crescido de forma relativamente moderada, o conjunto de delegações que passaram a integrar os Jogos ao longo do período tornou-se mais amplo. Nesse contexto, destaca-se a ampliação da presença asiática e da Oceania, bem como a entrada do primeiro país africano — Marrocos — marco simbólico que consolidou a representação de todos os continentes nos Jogos Olímpicos de Inverno.

A fase de Abertura, compreendida entre 1984 e 1992, marcou um momento de aceleração do processo de internacionalização do evento. Mesmo sendo um período

relativamente curto, de apenas três edições, observou-se a entrada de um número significativo de novos países, incluindo delegações da América Latina, do Caribe, do Sudeste Asiático e de diferentes regiões da África. Essa ampliação resultou em uma redução proporcional da presença europeia no conjunto das delegações, ainda que o continente continuasse a constituir o principal núcleo estrutural dos esportes de inverno.

A fase mais recente, caracterizada neste estudo como globalização, consolidou de forma mais intensa esse processo de expansão geográfica. A partir de 1994, quando os Jogos Olímpicos de Inverno passaram a ser realizados em anos alternados em relação aos Jogos de Verão, observa-se um aumento significativo do número total de países participantes, acompanhado por uma presença cada vez mais diversificada de delegações oriundas de diferentes regiões do mundo. Países da Ásia, da América Latina e da África passaram a participar de maneira mais frequente, ainda que muitas dessas delegações continuem a competir com contingentes reduzidos de atletas.

Entretanto, quando se analisa a distribuição das medalhas, observa-se um comportamento bastante distinto daquele verificado na expansão do número de países participantes. Apesar da ampliação progressiva da participação internacional, a conquista de medalhas permaneceu fortemente concentrada em um grupo relativamente restrito de países ao longo de toda a história dos Jogos Olímpicos de Inverno.

Nas primeiras décadas do evento, a proporção de países medalhistas em relação ao total de participantes era relativamente elevada, resultado direto do número reduzido de delegações presentes nas competições. Com o crescimento progressivo do número de países participantes, essa proporção passou a diminuir gradualmente, evidenciando um processo de aumento da concentração competitiva.

Nas edições mais recentes dos Jogos, observa-se que a maior parte das medalhas continua sendo conquistada por países com tradição histórica no esporte de inverno, especialmente aqueles localizados na Europa e na América do Norte. Nações como Noruega, Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Suécia e Suíça mantêm presença recorrente entre os principais países medalhistas, indicando a persistência de um núcleo estrutural de potências esportivas nessas modalidades.

Esse padrão revela um aspecto central da dinâmica dos Jogos: embora o evento tenha se tornado progressivamente mais global em termos de participação, ele permanece relativamente regionalizado em termos de desempenho competitivo. A expansão

geográfica do evento, portanto, não foi acompanhada por uma democratização proporcional da distribuição das medalhas.

Em síntese, os resultados apresentados neste estudo indicam que o desenvolvimento histórico dos Jogos Olímpicos de Inverno pode ser compreendido como um processo simultâneo de expansão institucional, diversificação geográfica e persistência de hierarquias competitivas. A periodização proposta permite evidenciar como essas transformações ocorreram de maneira gradual ao longo do século XX e início do século XXI, contribuindo para compreender a configuração contemporânea do evento dentro do sistema esportivo internacional.

Considerações finais

O presente estudo analisou a evolução histórica dos Jogos Olímpicos de Inverno a partir de três indicadores centrais: o número de países participantes, o número de provas disputadas e medalhas disponíveis e o número de países que conquistaram ao menos uma medalha em cada edição. A partir da análise longitudinal desses dados, foi possível identificar padrões estruturais no desenvolvimento do evento, permitindo propor uma periodização composta por quatro fases distintas: Regionalização (1924–1960), Expansão (1964–1980), Abertura (1984–1992) e Globalização (1994–presente).

Um dado bastante significativo diz respeito à análise da distribuição das medalhas, que revela uma dinâmica distinta daquela observada na expansão da participação internacional. Apesar do aumento significativo do número de países participantes ao longo das décadas, a conquista de medalhas permaneceu fortemente concentrada em um conjunto relativamente restrito de países, majoritariamente localizados na Europa e na América do Norte. Esse padrão indica que, embora os Jogos Olímpicos de Inverno tenham se tornado progressivamente mais globais em termos de participação, a estrutura competitiva do evento ainda reflete desigualdades históricas relacionadas à tradição esportiva, às condições climáticas e à infraestrutura necessária para o desenvolvimento das modalidades de inverno^{1,21}.

Nesse sentido, os resultados deste estudo sugerem que o processo de internacionalização dos Jogos Olímpicos de Inverno ocorreu de forma assimétrica. Enquanto a participação internacional se expandiu significativamente ao longo do tempo, a distribuição do desempenho esportivo permaneceu relativamente concentrada em países

que historicamente dominam essas modalidades. Essa característica evidencia uma tensão entre a ampliação do alcance global do evento e a persistência de estruturas competitivas relativamente estáveis.

Além desses fatores estruturais, o futuro das modalidades esportivas de inverno e dos próprios Jogos Olímpicos de Inverno passa a ser influenciado por desafios ambientais e econômicos cada vez mais relevantes. Estudos recentes apontam que as mudanças climáticas tendem a reduzir progressivamente o número de regiões do planeta com condições climáticas adequadas para a realização de competições na neve, especialmente em altitudes mais baixas e em latitudes médias. Esse fenômeno pode afetar diretamente tanto a realização de grandes eventos esportivos quanto os processos de formação de atletas, uma vez que a disponibilidade de neve natural e de temporadas de inverno suficientemente longas tende a diminuir em diversas regiões^{22,23}.

Paralelamente a essa questão ambiental, observa-se também o aumento dos custos associados à construção e manutenção das infraestruturas necessárias para a realização dessas modalidades. Instalações como pistas de *bobsled*, saltos de esqui, centros de esqui alpino e arenas de gelo demandam investimentos elevados e frequentemente apresentam uso limitado. Para países que não possuem tradição consolidada nas provas de inverno ou condições ambientais favoráveis, os custos de desenvolvimento e manutenção dessa infraestrutura podem representar uma barreira significativa para a consolidação dessas modalidades^{24,25}.

Nesse contexto, a expansão da participação internacional observada nas últimas décadas não necessariamente implica uma distribuição mais equilibrada das condições estruturais para o desenvolvimento do esporte de inverno. Pelo contrário, os desafios relacionados ao clima, à infraestrutura e ao financiamento do esporte podem reforçar a permanência de um núcleo relativamente restrito de países capazes de sustentar programas esportivos competitivos nessas modalidades.

Por fim, a periodização proposta neste trabalho contribui para oferecer uma interpretação sintética do desenvolvimento histórico dos Jogos Olímpicos de Inverno, permitindo compreender de forma mais clara as transformações institucionais, geográficas e competitivas que marcaram a trajetória do evento ao longo de quase um século. Ao mesmo tempo, os resultados indicam que o futuro dos Jogos de Inverno dependerá não apenas da ampliação de sua participação global, mas também da

capacidade de enfrentar os desafios ambientais, econômicos e estruturais que condicionam o desenvolvimento do esporte de inverno no cenário internacional.

Referências

- 1 Guttman A. *The Olympics: a history of the modern games*. Urbana: University of Illinois Press; 2002.
- 2 Rubio K. Jogos Olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2010;24(1):55–68.
- 3 MacAloon JJ. *This great symbol: Pierre de Coubertin and the origins of the modern Olympic Games*. Chicago: University of Chicago Press; 2008.
- 4 Coubertin P de. *Olympism: selected writings*. Lausanne: International Olympic Committee; 2000.
- 5 Machado RPT. A participação das mulheres olímpicas brasileiras nas modalidades esportivas de aventura até os Jogos de 2012. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2021;5:13–28.
- 6 Findling JE, Pelle KD. *Historical dictionary of the modern Olympic movement*. Westport: Greenwood Press; 2004.
- 7 Britannica. *Origins of the Olympic Winter Games* [acesso 5 mar 2026]. Disponível em <https://www.britannica.com/sports/Origins-of-the-Olympic-Winter-Games>
- 8 International Olympic Committee. *The Olympic Winter Games: factsheet*. Lausanne: IOC; 2015.
- 9 International Olympic Committee. *Olympic Winter Games overview*. Lausanne: IOC; 2022.
- 10 Gil AC. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas; 2008.
- 11 Marconi MA, Lakatos EM. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas; 2017.
- 12 Thomas JR, Nelson JK, Silverman SJ. *Research methods in physical activity*. Champaign: Human Kinetics; 2012.
- 13 Booth D. *The field: truth and fiction in sport history*. London: Routledge; 2013.
- 14 Burke P. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP; 2010.
- 15 Le Goff J. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP; 1990.
- 16 Burke P. *História e teoria social*. São Paulo: Editora Unesp; 2012.
- 17 Toohey K, Veal AJ. *The Olympic Games: a social science perspective*. Wallingford: CABI; 2007.
- 18 Chapelet JL, Kübler-Mabbott B. *The International Olympic Committee and the Olympic system: the governance of world sport*. London: Routledge; 2008.
- 19 Tomlinson A, Young C, editors. *National identity and global sports events: culture, politics, and spectacle in the Olympics and the football World Cup*. Albany: State University of New York Press; 2006.
- 20 Roche M. *Mega-events and modernity: Olympics and expos in the growth of global culture*. London: Routledge; 2000.
- 21 Digel H. Comparison of successful sport systems. *New Studies in Athletics*. 2005;20(2):7–18.
- 22 Dawson J, Scott D. Managing for climate change in the alpine ski sector. *Tourism Management*. 2013;35:244–254.
- 23 Scott D, Steiger R, Daniels M. Climate change and the future of the Olympic Winter Games. *Curr Issues Tourism*. 2019;22(11):1313–1319.

Machado RPT, Silva BCP. Jogos Olímpicos de Inverno: proposta de periodização, transformações históricas e (des)igualdades competitivas. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2026;10:44-71.

24 Müller M. What makes an event a mega-event? Definitions and sizes. *Leisure Studies*. 2015;34(6):627–642.

25 Preuss H. *The economics of staging the Olympics*. Cheltenham: Edward Elgar; 2004.